

Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)
Av. Fernando Ferrari, 514 - Campus de Goiabeiras
CEP 29075-910 - Vitória - Espírito Santo - Brasil
Tel.: +55 (27) 4009-7852 - E-mail: edufes@ufes.br
Homepage: <http://www.edufes.ufes.br>

Reitor | Reinaldo Centoducatte
Vice-Reitora | Ethel Leonor Noia Maciel
Superintendente de Cultura e Comunicação | Ruth de Cássia dos Reis
Secretário de Cultura | Rogério Borges de Oliveira
Coordenador da Edufes | Washington Romão dos Santos

Conselho Editorial

Agda Felipe Silva Gonçalves, Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Gilvan Ventura da Silva, Glicia Vieira dos Santos, José Armínio Ferreira, Julio César Bentivoglio, Maria Helena Costa Amorim, Rogério Borges de Oliveira, Ruth de Cássia dos Reis, Sandra Soares Della Fonte

Secretário do Conselho Editorial | Douglas Salomão

Revisão de Texto | Paulo Muniz da Silva
Diagramação | Oficina de Letras
Capa | Willi Piske Jr. e Yuri Diniz
Revisão Final | Os organizadores

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

N234 Narrativas de gênero : relatos de história oral : experiências de ítalo-brasileiros na Itália contemporânea / Luis Fernando Beneduzi, Gláucia de Oliveira Assis [organizadores]. - Vitória : EDUFES, 2014.
222 p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-7772-210-5

1. Identidade de gênero. 2. História oral. 3. Migração. 4. Brasileiros - Itália. 5. Italianos. 6. Brasileiros. I. Beneduzi, Luis Fernando. II. Assis, Gláucia de Oliveira, 1966-.

CDU: 314.15



SUMÁRIO

LUIS FERNANDO BENEDEZI

Introdução	9
Descobrimdo o objeto	9
Entrando no contexto	12
Direcionamento do olhar	17
Conhecendo o texto	20
Referências	25
Sugestões de leituras	25

PARTE 1 – GENÊRO E NARRATIVAS ORAIS NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	29
--	-----------

SUSANNA REGAZZONI

Memórias e identidade entre Itália e Argentina	31
Introdução	31
A história da imigração italiana na Argentina	33
El mar que nos trajo, de Griselda Gambaro	35
O legado das mulheres: a memória	40
Referências	44
Sugestões de leituras	46

RICCIARDA RICORDA

Escritoras da migração, na Itália e da Itália	47
Referências	58

CHIARA PAGNOTTA

O uso das fontes orais nos estudos sobre as migrações Contemporâneas. Observações metodológicas nos bastidores de uma pesquisa sobre o caso equatoriano	61
A escolha das testemunhas	63
Uma fonte induzida	65
Do oral ao escrito	66
Confiabilidade das fontes orais	68
Considerações conclusivas	71
Referências	73

INES TESTONI

Narração e reconstrução das raízes – entre gênero e reconhecimento da identidade narradora	77
--	----

Introdução	77
Narrative approach nos gender studies e na psicologia social e cultural	78
Identidade social migrante destacada	80
Restituir a historicidade às biografias através da narrativa	82
Os métodos para a análise da narrativa	84
Considerações	86
Finais referências	87

PARTE 2 – ITINERÁRIOS MIGRATÓRIOS ENTRE A ITÁLIA E O BRASIL: OS CAMINHOS DOS DESCENDENTES DE ITALIANOS

MARIA CATARINA C. ZANINI	
Santa Maria e região: pequenos e diversos pontos de partida	91
Imigração italiana para o Rio Grande do Sul: breves apontamentos sócio-históricos	93
Santa Maria e região: aspectos gerais	96
Por que migraram os descendentes de imigrantes italianos da região central do Rio Grande do Sul?	99
Considerações finais	101
Referências	102

VANIA B. M. HERÉDIA	
Experiência de migrantes ítalo-brasileiros em terras de origem	105
A história dos pontos de partida como espaços de imigração na região sul do Brasil: do passado ao presente	106
Percepções sobre as experiências com imigrantes na Itália e as dinâmicas estabelecidas	111
Considerações finais	114
Referências	116

MARLENE DE FÁVERI, SILVIA MARIA FAVERO AREND	
Cidadania italiana, passaporte para a europa: memórias de três mulheres (Santa Catarina – Brasil)	119
Considerações iniciais	119
Paula	121
Nona Maria	127
Joana	132
Palavras finais	135

Referências	137
EMERSON CÉSAR CAMPOS, MICHELE GONÇALVES CARDOSO	
Idas e vindas da ítalo-brasilidade no contemporâneo	141
Criciumenses e as migrações internacionais	142
Criciumenses na Itália	148
Referências	156
Entrevistas	158

GLÁUCIA DE OLIVEIRA ASSIS	
O retorno alla origine: a migração de descendentes rumo à Itália nesse início de século XXI	159
Introdução	159
As narrativas dos emigrantes	163
A cidade de Urussanga e as conexões com a Europa	164
Partindo de Urussanga rumo à Itália	166
As trajetórias de migrantes mais jovens: algumas considerações	170
Considerações finais	173
Referências	174

LUIS FERNANDO BENEDUZI	
Vivendo em um entrelugar: um olhar sobre a experiência dos ítalo-brasileiros na Itália	177
Referências	190

SUELI SIQUEIRA, SANDRA NICOLI, MAURO A. DOS SANTOS	
Os italianos e seus descendentes no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais: a chegada dos italianos e a emigração dos descendentes para Itália	191
Introdução	191
A imigração italiana no Brasil	192
A chegada ao Vale do Rio Doce, Minas Gerais	196
As marcas da “italianidade” no território	204
A emigração dos descendentes rumo à terra dos nonos	205
Considerações finais	211
Referências	213

Sobre os autores	217
------------------------	-----

PARTE 1

**GÊNERO E NARRATIVAS ORAIS
NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS**

MEMÓRIAS E IDENTIDADE ENTRE ITÁLIA E ARGENTINA*

Susanna Regazzoni
Universidade Ca' Foscari de Veneza

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar algumas reflexões sobre as relações entre Itália e Argentina. Mais especificamente, o papel das mulheres na migração entre os dois países, por meio de uma obra literária, *El mar que nos trujo*, de Griselda Gambaro. De fato, é curiosa a relativa escassez de estudos acadêmicos sobre um fenômeno tão relevante, considerando-se de diferentes pontos de vista, o aumento do número de romances publicados a partir dos anos 80 do século passado na Argentina e, também, embora em menor quantidade, na Itália. Ao se falar das relações entre esses dois países, parece-me interessante começar com o preâmbulo da Constituição da Argentina (1853) e seu artigo 25, que afirma:

Nós, os representantes do povo da nação Argentina, reunidos em Congresso Geral Constituinte, por vontade e escolha das províncias que a compõem, em cumprimento com os acordos existentes, com o objetivo de constituir a união nacional, proteger a justiça, consolidar a paz interior, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral e assegurar os benefícios da liberdade, para nós mesmos, para nossa posteridade e para todos os homens do mundo que queiram habitar em solo argentino: invocando a proteção de Deus, fonte de toda razão e justiça: ordenamos, decretamos e estabelecemos esta Constituição para a Nação Argentina [...] Art. 25 - O Governo Federal promoverá a imigração europeia e não poderá restringir, limitar e nem onerar com imposto algum a entrada no território argentino dos estrangeiros que chegam com o objetivo de cultivar a terra, melhorar as indústrias, introduzir e ensinar as ciências e as artes (CONSTITUIÇÃO ARGENTINA, 1994, s/p).

A importância da imigração na Argentina se confirma também com o discurso proferido por Gabriela Mistral, em 1945, por

* Tradução de Tânia Scatambulo Nerone.

ocasião da atribuição do primeiro Prêmio Nobel da literatura hispano-americana; naquela ocasião, a poetisa chilena assinalou que:

A Argentina está dando aos nossos países uma lição que eles não querem ouvir: aquela de que um ano de imigração faz mais pela raça de dez anos de trabalho social gasto na melhoria da carne velha. Nenhum empreendimento – educação popular, higiene social etc. – acelera a evolução de um país novo como esta do enxerto (MISTRAL, 1945, s/p).

Na atualidade, as grandes cidades europeias vivem, cada vez mais, uma realidade multicultural, provocada por exílios, migrações, deslocamentos, guerras, fomes, crises econômicas, além da globalização que mudou a história do mundo. Essa realidade é acompanhada por um novo conceito de identidade variável e plural em lugares onde existem diferentes mundos culturais. Néstor García Canclini (2001, p. 14) define essa coexistência de modalidades com o termo *hibridização*, para destacar os “[...] processos socioculturais, em que as estruturas e práticas discretas, que existiam, separadamente, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. O professor Landry-Wilfrid Miampika (2007, p. 9), da Universidade de Alcalá de Henares, acrescenta que:

Assim, pois, o hibridismo ou hibridização é o vetor essencial dos processos culturais globais, que transcende toda fixação cultural, toda fixação de identidades e questiona as noções de pureza, de identidade, de origem, de autenticidade cultural... a favor de encontros, desencontros, tensões entre os seres humanos, etnias e histórias em projeções transcontinentais que modificam o trabalho da imaginação para a produção e reprodução cultural.

Esses ditos fenômenos modificam ideias como a de identidade cultural e enfatizam o processo dinâmico associado com realidades contraditórias. A esse propósito, os estudos culturais oferecem possibilidades interessantes de leitura a partir da noção de “poética da relação”, proposta pelo poeta da Martinica, Édouard Glissant. Justamente, graças a essa proposta, Glissant (2002, p. 98) reconhece e legitima o que é diferente, ou seja, “[...] as diferenças que confluem, se encontram, se opõem, combinam e geram o imprevisível”. A história do continente americano resulta excepcional pela sua natureza cultural dinâmica, em constante

mudança desde a sua aparição na consciência europeia. Há muitos estudos a respeito disso. Fernando Ortiz (1940) é o primeiro que no início do século XX inaugura o conceito de transculturação em seu clássico *Contraponto cubano do tabaco e do açúcar*

A HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NA ARGENTINA

Entre as muitas migrações realizadas para a América ao longo de sua história, quero refletir sobre a italiana que, a partir do final do século XIX até os anos 60 do século seguinte, se constituiu num fenômeno em que milhões de pessoas chegaram a um território pouco povoado, provocando um moderno mecanismo de transculturação. Em efeito, como escreve Diego Armus (1983, p. 8), no prefácio do *Manual do imigrante italiano*,

desde a criação dos setores populares (até) o surgimento das atividades industriais, desde a literatura (até) os costumes culinários e as práticas políticas, o fenômeno da imigração no exterior do final do século XIX e início do século XX parece abranger, praticamente, todos os níveis e aspectos da vida argentina dos noventa.

A antropóloga argentina María Susana Azzi observa que entre 1871 e 1914 chegaram ao país 5,9 milhões de pessoas. A Argentina foi o país que recebeu a segunda maior imigração entre 1821 e 1932; os Estados Unidos ocuparam o primeiro lugar. Entre 1876 e 1976, cerca de 26 milhões de italianos emigraram; 75% eram homens, dos quais 80% se encontravam em idade economicamente ativa; 5,7 milhões foram para os Estados Unidos; e 3 milhões, para a Argentina. A base dos italianos havia sido estabelecida em Buenos Aires em 1856, e um número considerável chegou ali nas décadas de 1860 e 1870, antes da migração de massa, que começou em 1880.

Em Buenos Aires, em 1869, os espanhóis constituíam apenas 8% da população, enquanto os italianos alcançavam 24% da população da cidade. A porcentagem de italianos em relação à população total permaneceu mais alta nos bairros de Boca e Barracas do que em qualquer outra área da cidade.

Em 1909, sobre o total da população da cidade de Buenos Aires, havia 29,3% italianos; 17,1% argentinos; 11,2% espanhóis; 0,4% franceses; 0,4% americanos; 0,1% russos e 41,5% outros (AZZI, 2010). O que me interessa destacar nessa ocasião é o fenômeno li-

terário que surge no final do século passado, constituído por uma série de narrações que se centram na imigração italiana para a Argentina e coincidem na eleição de protagonistas femininas.

Nesse cenário, as mulheres, do ponto de vista sócio-histórico, desempenham um papel secundário, principalmente cronologicamente, visto que num primeiro momento não viajam e, se o fazem é sob a sombra de um homem, pai, marido, irmão, como anônimas figuras acompanhantes. Na realidade, com o tempo assumem um papel fundamental porque são elas que mantêm a unidade da célula social primária da sociedade nos dois países: o de partida e o de chegada, ao conservar a união da família quando o homem parte para o novo país ou retorna ao país de origem, abandonando o novo núcleo.

A literatura do tema migratório começa quase em seguida ao fenómeno social; trata-se de textos teatrais e narrativos nos quais se percebe um mal-estar com respeito ao estrangeiro que vai do ataque xenófobo à comédia do grotesco, passando pelo sarcasmo; em tais obras, não existem personagens femininos (REGAZZONI, 2004). Os italianos que embarcaram em Gênova em 1884 para o Rio da Prata são descritos por Edmondo D'Amicis em sua obra *En el océano*. Sobre o escritor, Griselda Gambaro comenta que:

O autor de *Corazón* recolhe, contudo, seus melhores resultados na crônica. Neste afresco estão todos aqueles que vieram para a América, em sua maioria operários e camponeses, cada um com seu sonho particular. E o sonho – e a destruição do sonho – começa em Galileu, como se o navio navegara em um mar de terra e seus passageiros, nos vários tipos e paixões, representaram toda a humanidade (GAMBARO, 2002, s/p).

Somente ao final do século XX se assiste a um novo ressurgimento do gênero, com uma série de romances em que a mulher assume um papel importante. Syria Poletti é a primeira que, nos anos 60 do século XX, temporariamente, escreve uma série de livros nos quais narra histórias de mulheres migrantes; outras escritoras e escritores continuarão com o tema a partir dos anos 80².

São autores que muitas vezes escrevem sob a emoção de me-

2 Silvana Serafin é a pesquisadora que mais escreveu sobre Syria Poletti na Itália: *Immigrazione friulana in Argentina: Syria Poletti racconta...*, Roma Bulzoni, 2004 e *Ancora Syria Poletti: Friuli e Argentina due reatà a confronto*, Roma, Bulzoni, 2005, são os livros mais importantes.

mórias. Entre eles, Antonio Dal Masetto, autor de *Oscuramente fuerte es la vida* (1990), *La tierra incomparable* (1994) e *Cita al Lago Maggiore* (2011). Outros exemplos são os livros de Mempo Giardinelli, *Santo oficio de la memoria* (1991); Héctor Tizziani, *Mar de olvido* (1992); Roberto Raschella, *Diálogos en los patios rojos* (1994) e *Si hubiéramos vivido aquí* (1998); Martina Gusberti, *El láud y la guerra*, (1996). Do lado italiano, alguns exemplos são *Quando Dio ballava il tango* (2002); e *Patagonia blues* (2005), de Laura Pariani; *Oltremare* (2004), de Mariangela Sedda; e *Argentina*, de Renata Mambelli, do mesmo ano.

Entre os/as autores/as que têm publicado histórias de migração nestes últimos anos, encontra-se Griselda Gambaro, que edita, em 2001, *El mar que nos trajo*, um romance de memórias entre Itália e Argentina, de umas cento e quarenta páginas que, no entanto, apresenta uma poética forte e expressa muito mais³.

EL MAR QUE NOS TRAJÓ, DE GRISELDA GAMBARO

A história de *El mar que nos trajo* fala de Agostino, um rapaz de 19 anos, humilde pescador em *Isola d'Elba*, que parte do porto de Gênova para Buenos Aires, depois de haver encontrado um emprego em um navio. Isso significa sair da pobreza a que está condenado na sua existência como pescador. Antes de sair, vê-se obrigado a casar-se com Adele, por seus irmãos, e a comprometer-se na construção de uma casa. Chegando a Buenos Aires, conhece Luisa, pela qual se sente atraído, começando uma história de amor. Dessa união nasceu uma criança, Natalia, a filha pela qual Agostino sente um amor imenso. Quando Natalia está com quatro anos de idade, Agostino se encontra com os irmãos de Adele, que vão buscá-lo em Buenos Aires e o levam de volta para a Itália, sem avisar ninguém. Luisa o espera por alguns dias, desespera-se e começa a procurá-lo

3 Griselda Gambaro (1928) nasceu em Buenos Aires. Entre seus livros estão *El desatino* (1965), *Una felicidad con menos pena* (1965), *Dios no nos quiere contentos* (1979), *Después del día de fiesta* (1994), *Lo mejor que se tiene* (1998), *Escritos inocentes* (1999), *Lo impenetrable* (2000) y *El mar que nos trajo* (2001). Suas obras dramáticas foram estreadas nos cenários mais prestigiosos de diversos países da América Latina e Europa e traduzidas em numerosos idiomas. É considerada pela crítica como uma das escritoras mais importantes da literatura argentina atual. *El mar que nos trajo* foi publicada em Buenos Aires pela editora La otra Orilla, em 2001. As citações a seguir referem-se a esta edição e tem o número da página entre parênteses.

em bares, no porto, na delegacia, até que, finalmente, descobre que Agostinho se foi. A partir desse momento, o sentimento de abandono é o que determina as vidas de mãe e filha e que marca a existência da criança.

Na Itália, Agostino volta a encontrar-se com Adele e reinicia uma vida infeliz. Apesar do nascimento de um filho, chamado Giovanni, Agostino continua pensando em seu abandono de Luisa e Natalia; em tom de protesto, coloca o retrato de Natalia em cima da lareira, afirmando que a menina da foto é sua filha. Com o tempo, Agostino diz a Giovanni que Natalia é sua irmã e que a procure. O menino obedece ao seu pai e viaja para Buenos Aires onde a encontra e lhe conta sobre Agostino. As viagens se repetem e a relação é reforçada por reencontros e mortes, criando laços onde se haviam marcado separações. O pano de fundo do romance está relacionado com a história e refere-se ao anarquismo, aos movimentos grevistas, à violência política, ao peronismo, ao fascismo e aos mais importantes acontecimentos da época, como quando se narra que:

A Argentina florescia, José resmungava porque seu anarquismo difuso o unia com fortes laços a sua classe, não entendia como os trabalhadores podiam submeter-se a esse militar que gritava nas varandas. Mentia como Mussolini e como Mussolini transformava os direitos em privilégios ou esmolos. Deixaria um país devastado (GAMBARO, 2010, p. 136).

O importante, contudo, é a essência da memória indefinida e sempre presente. Gambaro disse que esse relato nasceu como

uma questão pendente. Se, quando menina, lhe contam uma história que você gostou muito e por destino da vida você se tornou uma escritora, esta história você tem que contá-la. Porém, vão surgindo outros temas que mais lhe interessam e vai-se adiando. Embora eu creia que isso foi bom para a história em si [...] porque, de certa forma, ela foi amadurecendo até que senti que chegara o momento, e veio fora (MALUSARDI, [s.d.]).

Na mesma entrevista, a autora acrescenta que, originalmente, na história de Agostino, o personagem, sai da narração,

eu o escutei contado à mesa, assim, cruamente [...] Há muita ficção, alguns personagens e comportamentos são feitos com base

em pequenos detalhes que me contaram, mas em cada situação escolhi a minha própria maneira. Além disso, eu não posso trabalhar com excesso de dados (MALUSARDI, [s.d.]).

Ao final da história, a narrativa em terceira pessoa resulta ser o ponto de vista de uma menina que se lembra do que ouviu, com equívocos e imperfeições. O livro começa com uma dimensão temporal: “No verão de '89, houve dois acontecimentos importantes na vida de Agostinho” (GAMBARO, 2010, p.11) que aponta, desde o início, a importância do tempo, elemento que marca toda a história e a dupla perspectiva geográfica. Conta-se de um primeiro país pobre onde o protagonista vive uma vida de miséria, em oposição à possibilidade de maior ganho como um marinheiro de um barco que parte para outro país:

Seu futuro cunhado intercedeu com a companhia de navegação na qual trabalhava e conseguiu-lhe um contrato como marinheiro na linha Genova-Buenos Aires. [...] marinheiro em um navio no exterior, seu futuro seria diferente, e bem sabia pelos compatriotas enviados que a cada dois ou três meses eles regressavam para a ilha com provisões exóticas, presentes e dinheiro em seu bolso. Eles diziam que o trabalho distraía da ausência. (GAMBARO, 2010, p.11)

No entanto, a realidade é diferente e o trabalho é mais pesado do que o imaginado:

Trabalhou duramente. Sem lugar fixo no vapor que levava os emigrantes, começava antes do amanhecer baldeando a cobertura, polindo os bronzes na cabine de comando, nos salões e na sala de refeições da primeira classe. Em seguida, apenas amanhecia, Agostino e seus companheiros expulsavam os emigrantes dos dormitórios comuns onde flutuavam os odores rançosos de uma noite compartilhada, densa de pessoas, de desconfortos causados pela alimentação, o movimento do barco. (GAMBARO, 2010, p.14)

A imagem desenhada dá a conhecer a miséria de uma viagem muito diferente das ilusões de um destino melhor, e na nova terra continuam as dificuldades:

A cada quinzena, Agostino descarregava os carros de carvão. Eles chegavam de madrugada e ele estava esperando na porta

da carvoaria com um saco de pano dobrado sobre o ombro. Apenas ouvia o ranger das rodas sobre os paralelepípedos, puxava para a rua um grande cesto de tecido preto e empunhava a pá. Levava a cesta em repetidas viagens através de uma escadaria que descia para um armazém escuro. Levantava no sótão uma montanha de carvão, de pedras soltas. [...] Voltava com o cabelo endurecido, o rosto lambuzado. Seu lenço se impregnava de uma umidade escura e pegajosa. Sempre tinha as unhas sujas e as olhava com tristeza. [...] Luisa recolhia as roupas das casas de famílias ricas e as lavava nos tanques de cimento ao ar livre, no fundo do pátio. As vizinhas [...] observavam seus braços frágeis, seu torso esquelético e ficavam em silêncio. Não terminaria nunca em tão pouco tempo. Ela aproveitava a ausência de Agostino, a soneca de Natalia, cada momento do dia. Passava a roupa encharcada de amido com um ferro que aquecia em um braseiro de carvão e a devolvia, pontualmente, caminhando longas distâncias para não gastar com o trem elétrico. [...] sofria em silêncio quando lhe atrasavam o pagamento e tinha de retornar batendo nas portas com uma calma insistência de mendiga. Sofria em silêncio quando o braseiro, nos dias de verão, aumentava o calor ou a água gelada do inverno endurecia as suas mãos (GAMBARO, 2010, p. 18, 19, 20).

A única coisa que acalma e comunica felicidade é o grande amor que Agostino sente por sua filha:

A menina, com suas perguntas animadas em conversa de criança, a graça de seus gestos, compensava os seus problemas e ele a adorava. [...] Aos quatro anos enfatizava a semelhança de Natalia com seu pai, as mesmas características, a mesma cor verde dos olhos. [...] Balançando-a para frente e para trás, apertada contra seu peito, sussurrava em seu ouvido: meu pequeno barquinho e Natalia, apertando os olhos, com uma insistência incansável perguntava: o que eu sou? Meu pequeno barquinho, sussurrava Agostino (GAMBARO, 2010, p. 20, 21).

O terno quadro da relação entre pai e filha é abruptamente interrompido pela chegada dos irmãos da esposa de Agostino, que o tiram do país sem nenhuma chance de ele se despedir de sua filha. Ele tem como única recordação a foto da menina, feita aos três anos de idade. Sua recordação seria, para o resto

de sua vida, marcada pela culpa e pela dor do abandono. Isso, por um lado, e a sensação de peso pela separação forçada, por outro, são as emoções que marcam a vida da criança e a do pai até o último dia de vida:

Na sala de jantar, ele colocou o pequeno retrato encostado na parede, sobre a saliência da lareira. Com um dedo guiado por costume, seguiu o contorno da face de Natalia. Ele lembrou: meu pequeno barco, [...] se aproximou da saliência da lareira onde estava apoiado o modesto retrato de Natalia, uma menina de pé sobre uma almofada. Nunca o levantava e tampouco o fez desta vez. Olhou-a com os olhos turvos pela febre, alertou que o meio sorriso de Natalia era o mesmo que anunciava sua expectativa pelos jogos secretos que tinham compartilhado. Como o seu barco havia atravessado uma tempestade, no retrato desborcado estavam apagadas a inveja e o ressentimento. Era uma menina, visivelmente orgulhosa de ser fotografada com sua saia escura e sua blusa de colarinho branco. Apenas uma criança abandonada, como poderia sorrir com esse orgulho? Aquele sorriso, o fez sentir ofendido e não disposto a perdoar-se, ele o havia cancelado como um golpe de infância de Natalia e, por isso, certamente, tinha feito tantas coisas que para ela eram importantes e que ele não tinha considerado, como se o sofrimento de uma menina fosse inferior naquele pequeno coração. Esquecerá logo, se tinha falado atendo-se ao que ele sentia - indignação e pena - quando Cesar e Renato tinham imposto uma separação que depois nunca tentou mitigar. Essa expectativa de Natalia pelos jogos secretos que tinham compartilhado devia esvaziar-se abrupta, inexplicavelmente, substituída por lágrimas e perguntas para as quais não havia resposta. A única resposta teria sido o seu retorno. E ele estava na ilha, ligado por outros laços e morreria na ilha (GAMBARO, 2010, p. 30, 74).

A narração se alterna entre episódios aqui e ali. Por um lado, a Itália com a família de Agostino que aumenta com o nascimento do filho Giovanni e melhora economicamente, por outro, Natalia e Luisa, a qual depois de alguns anos conhece um calabrés de cabelo encaracolado e pele escura, chamado Domenico Russo e se casa com ele, união da qual nasce Isabel, chamada Isabella, e Agustina, que morre dentro de poucos anos por desnutrição.

Essa família vive apenas do trabalho duro de Luisa, sempre

com a roupa nos tanques coletivos, a tábua de passar e as entregas. Domenico não encontra, ou melhor, não quer encontrar um trabalho, e passa a ser um fardo, por isso Natalia o põe para fora de casa com uma antiga força derivada do abandono do pai: “Domenico olhou-a com seus olhos escuros: – Eu sou o pai – balbuciou. Natalia encolheu os ombros. Sabia quem eram os pais. E a recordação de Agostino aumentou a sua ira” (GAMBARO, 2010, p. 64). Pobreza, desamparo, solidão marcam a existência das mulheres na Argentina, local principal da narrativa.

A emoção causada pela morte de Agostino, porém, provoca em Natalia um retorno a sua italianidade:

Em seu interior se misturavam o italiano e o castelhano que falava cada vez mais, mas agora seus pensamentos discorriam, inteiramente, em italiano como se houvesse regressado ao país de infância, rodeada, unicamente, pelo idioma escutado no momento do nascimento (GAMBARO, 2010, p. 84).

Com o novo trabalho de Giovanni, como garçom em um navio com destino a Buenos Aires, a relação entre os dois países e as duas famílias é restaurada. Essa narração familiar termina com o encontro das duas partes desconhecidas uma pela outra, separados pelo mar que as divide e ao mesmo tempo as reúne.

O LEGADO DAS MULHERES: A MEMÓRIA

Há um pano de fundo que está relacionado com a história e que remete ao anarquismo, movimentos grevistas, violência política, peronismo, fascismo. Mais uma vez, ao centro do interesse da autora, encontra-se essa “poética dos pobres”, que caracteriza o seu teatro, marcada pela crítica em várias ocasiões, onde personagens marginalizados e impotentes expressam uma perda de posses por meio de uma carga de emoção que envolve o leitor/espectador.

O importante, no entanto, é a essência da memória, indefinida e sempre presente. Os personagens que preservam a memória do passado e defendem a identidade da família são, em grande parte, as mulheres (D’ANGELO, 2011). Estas vivem uma evidente evolução que vai de Luisa, vítima, estrangeira e impotente, à Natalia, que se liberta do modelo materno para crescer forte e dura. O meio-irmão se lembra dela como “[...] uma mulher enérgica e alerta, com aquele olhar nos olhos verdes” (GAMBARO, 2010, p.

135). É uma protagonista que governa a vida e os destinos de sua família e, apesar das dificuldades da vida cotidiana, da pobreza, consegue melhorar-se e melhorá-la; a chegada da máquina de costurar Singer é o evento que muda a sua vida; esse evento é tratado com uma delicadeza extraordinária que transforma a profunda angústia do casebre da miserável casa de pensão:

Quando apareceu no quarto a máquina nova Singer, com duas gavetas nas laterais, esmaltada de preto, acreditaram-se ricos, afastada a miséria. Retiraram as madeiras da embalagem e sentaram-se em frente à máquina em uma contemplação feliz. Luisa sorriu, pegou a mão de Natalia e apertou-a com força (GAMBARO, 2010, p. 51-52).

Trata-se de uma mulher dominante pertencente ao universo da nona protagonista de *Santo Ofício de la memória de Giardinelli*.

A história dessas vidas acontece através dos olhos de uma menina que copia os traços alheios – os cabelos enrolados, o rosto opaco de um avô que foi forçado ao abandono – e que tenta responder ao mistério da origem, apresentando uma série de memórias alheias. Na conclusão se explicam essas razões e se comenta que:

A mais nova das filhas de Isabella, a qual tinha o rosto opaco e os cabelos encaracolados como o avô, escutou sentada à mesa, ocupando um lugar entre seu irmão e seu primo, o filho de Natalia. Nestas conversas dos maiores ela nunca interveio. Guardou a lembrança de Natalia, de Giovanni e o que lhe contou sua mãe, Isabella, de odiada e terna mansidão, muitos anos mais tarde escreveu esta história apenas inventada, que termina quando cessam as vozes depois de haver falado. (GAMBARO, 2010, p. 138).

Trata-se da neta do segundo marido de Luisa, e da mesma Luisa, sobrinha de Natalia. Ela, da Argentina, representa o personagem, cuja existência constitui o nexo da ligação com a Itália. Sua escrita apela à memória coletiva fornecida pela memória dos outros, por meio do relato oral, ou seja, de “uma memória viva” que, às vezes, não coincide com a história oficial. Sua experiência individual se constrói a partir de uma participação num grupo e sobre a base dos conhecimentos recebidos pelos outros. A experiência vivida é lembrada, mantida interiormente. Uma memória que alimenta uma identidade que se deve decifrar, interpretar, construir e dar-lhe

um significado. A memória é, por conseguinte, componente essencial na identidade da pessoa e em sua integração na sociedade.

Como diz María Catarina Chitolina Zanini, (2011, p. 72), trata-se de uma produção que testemunha os trânsitos entre identidades e produtos literários por intermédio de uma leitura do passado elaborada no presente da escrita, expressão de subjetividades:

leituras possíveis encaminhadas pelos agenciamentos de sentido dos descendentes no tempo/espço no qual estão inseridos contemporaneamente. Herdeiros de uma tradição mais voltada para o grupo do que para os projetos individuais, alguns destes relatos apresentam o que denomino de discursividade “filho de”, em que os indivíduos compreendem a si mesmos e querem ser situados partindo de sua posição familiar e/ou grupal.

Fala-se de indivíduos pertencentes a um lá e a um cá e que, de alguma forma, compartilham a experiência relacionada com a migração; e esta menina sem nome é o resultado dessa experiência de conflitos e encontros que hoje pertence à própria identidade do país.

Em *El mar que nos traje*, está presente o testemunho dessas pessoas que, montadas no palco dum exílio impulsionado pela fome, chegaram a uma porta que agora é apenas um novo vivente, mas, também, como diz a epígrafe do poeta Salvatore Quasimodo, escolhido por Gambaro, “[...] um murmúrio de mar / um eco de memória” (GAMBARO, 2010, p.11). *El mar que nos traje* é uma história de destinos cruzados em que a diáspora italiana na Argentina é descrita a partir da perspectiva de algumas mulheres que viram no mar a fonte de sobrevivência e, ao mesmo tempo, de abandono e de perigo.

Elas contribuem para a realização de um processo de transculturação a partir do qual surge e se desenvolve um fenômeno de hibridação e de integração entre a cultura de quem chegava e a de quem já estava, e entre as vertentes vernáculas e as exógenas que dão lugar à formação da nação crioula. A esse respeito, Mabel Moraña (2004, p, 10) acrescenta que:

Os resultados que derivam do processo de implantação e adaptação de modelos metropolitanos na América não podem ser entendidos sem uma captação maior dos problemas que acompanham a experiência de migração e fixação de contingentes europeus [...] em

solo americano, e do modo em que as práticas socioculturais desses setores afetam a – e são afetados – pela população nativa, indígena e crioula, em diversos níveis de inter-relação política e social.

A nova onda de romances sobre a imigração indica um desejo de voltar a pensar no passado migratório para refletir, depois dos terríveis anos do processo, acerca da recuperação dum passado em que os imigrantes italianos desempenharam um papel fundamental. As declarações de Griselda Gambaro a esse propósito coincidem com as de outro escritor, Mempo Giardinelli. A primeira, em uma entrevista a María Malusardi, afirma que:

Eu creio que a partir de todas as dificuldades e as catástrofes que nos aconteceram, isso seria uma espécie de reconhecimento de nós mesmos. Parece-me que nunca saíram tantos livros de nossa história, a mais próxima e a mais distante, porque há muita necessidade de verdade ao lado de tanta hipocrisia [...] é um sinal de crescimento na sociedade e é dar ao imigrante cada vez mais esse valor que tem tido e que nunca foi colocado em relevo como correspondia (MALUSARDI, [s.d.]).

Enquanto o segundo explica as razões que o levou a escrever Santo Ofício de la memoria:

O que me preocupava não era tanto ver o que acontecia, mas de onde vínhamos. De onde vinha a sociedade argentina para estar aplaudindo a Galtieri na praça, evento que não aparece e nem existe no romance, mas é o que de alguma forma dominou a parte anterior. Ao mesmo tempo, era uma espécie de prospectiva, de pensar onde estávamos indo. Enquanto se revolvía toda uma questão cultural, de pertinência, eu sou filho de imigrantes, somos um país de aluvião e, de repente, percebi, depois de ler material sobre a história das Malvinas, de que havia uma série de eventos que na história da Argentina vinham-se cruzando e que eu queria de alguma maneira romancéá-los. Eu não sou um ensaísta, eu não sou um filósofo e nem um pensador, sou somente um escritor, um ficcionista, um cara que tem algumas ideias da realidade e a mistura com um pouco de imaginação e faz um coquetel meio bastardo e resulta literatura (NAVARETTE GONZÁLES, [s.d.]).

As duas declarações indicam a necessidade de se repensar a história nacional argentina a partir da criação dinâmica de uma identidade profundamente ferida pelos anos da ditadura. Gambaro e Giardinelli provam, também, a capacidade de o país aceitar a experiência de outras culturas e de contribuir para o enriquecimento de uma expressão concreta, de uma sociedade possível graças a um encontro de culturas extraordinário.

Trata-se de uma rede de relacionamentos que uma vez mais afirma uma identidade em contínuo processo de formação, contraditória, ambígua e oscilante. Visto que, como diz Mabel Moraña (2004, p. 36):

Entre os temas mais recorrentes acrescidos nos "Pliegues del canon" o da representação da identidade é, talvez, até hoje em dia, um dos mais quentes e abundantes. [...] Conceitos como subjetividade, alteridade, diferença, memória coletiva, hibridismo, heterogeneidade, etc., abriram o caminho para uma compreensão mais fluida e envolvente do tecido social e de seus processos de simbolização.

A memória que geralmente faz recordar acontecimentos, frequentemente ausentes na história, ajuda na formação da identidade, sendo ingrediente essencial na construção da personalidade tal e qual se manifesta na voz narrativa de *El mar que nos trajo*. Os corpos sem voz das mulheres que viajaram para a Argentina no final do século XIX e início do século seguinte, falam por meio da voz dessa jovem, que pertence a uma época e a uma história distinta e, ao mesmo tempo, fortemente relacionada com esse passado.

REFERÊNCIAS

ARMUS, Diego. Prólogo. In: *Manual del emigrante italiano. Tradução, seleção e prólogo de Diego Armus*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1983.

AZZI, María Susana. *Antropología del tango*. Los protagonistas. Buenos Aires: Ed. Olavarría, 1991.

_____. *Su visión de Argentina y el tango*. Disponível em: <www.

tangoytangos.co>. Acesso em: 14 mar. 2010.

ARGENTINA (Constitución), 1994. Disponível em: <www.senado.gov.ar>. Acesso em: 13 nov. 2012.

D'ANGELO, Maria Carmela. *L'Italia e gli italiani nella narrativa di Griselda Gambaro*. In: DE JONGE, Bob; ZIDARIĆ, Walter (coordenadores). *L'Italie et l'Amérique Latine: Migrations, Échanges, Influences*, Interferences. Nantes: Editions du Crini, 2011, p. 104-114.

GLISSANT, Édouard, *Introducción a una poética de lo diverso*. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.

GAMBARO, Griselda. *L'América: el sueño en italiano*. *Clarín* (20 de julho de 2002) Disponível em: <edam.Clarin.com/suplemento/cultura/2002/07/20>. Acesso em: 13 nov. 2012.

_____. *El mar que nos trajo*. Buenos Aires: La otra orilla, 2010.

GARCIA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Paidós, 2001.

MALUSARDI, María. *Un eco de la memoria*. Histórias con inmigrantes. www.Elarcainpresa.com.ar/inmigrantes.htm. Acesso em: 13 nov. 2012.

MIAMPIKA, Landry-Wilfrid et alii. (Org.). *Migraciones y mutaciones interculturales en España*. Alcalá: UAH, 2007.

MISTRAL, Gabriela. *Discurso de Gabriel Mistral ante la Academia Sueca al recibir el Premio Nobel de Literatura el 12 de diciembre de 1945*. Disponível em: <www.lettras.s5.com/Mistral>. Acesso em: 13 nov. 2012.

MORAÑA, Mabel. "Los pliegues del canon" y la deconstrucción culturalista. In: *Crítica impura*. Madrid, Frankfurt am Main: Iberoamericana, Vervuert, 2004.

NAVARRETE GONZÁLES, Carolina Andrea. *La metanarratividad en Santo oficio de la memoria, de Mempo Giardinelli*.

Disponível em: <<http://www.margencero.com/articulos/meta-narrativa/metanarrativa.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2012.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del tabaco y del azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002.

REGAZZONI, Susanna “Presenza italiana nel teatro rio-platense: del Juan Moreira”, em AA. VV., *Il patrimonio musicale europeo e le migrazioni*, Veneza, Universidade Ca’ Foscari, 2004, p. 39-44.

ZANINI Maria Catarina Chitolina. Escrita afirmativa: Reflexões sobre a produção literária elaborada por descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. *Travessia* (São Paulo), v. 27, p. 69-78, 2011.

SUGESTÕES DE LEITURAS

CLEMENTI, Hebe. *La década del veinte y las luces ideológicas*. Una síntesis interpretativa de coincidencias y disparidades. Disponível em: <juanfilloy.bib.unrc.edu.ar/CLEMENTI>. Acesso em: 13 nov. 2012.

CLEMENTI, Hebe et al. (Ed.). *Yo italiana*. Histórias de vida de mujeres inmigrantes. Montevideo: Patrimonio Inca/Cgil. 1993.

FAVARETTO, Silvia. *Italiane emigrate in Argentina, tra rischio e attesa*, [www. Bottegascripament.it](http://www.Bottegascripament.it). Acesso em: 13 nov. 2012.